

LABUTA SERTANEJAWilson Maudonado¹

Ando descalço nessa terra de chão batido seguindo a sina
A dor consome no peito e no coração, o desprezo que ensina
Deixo minha terra, junto com meu povo franzino e sofrido
Deixo para trás, tudo que construí e sigo no tempo perdido
Nos pés calejados, trago a sina que tanto castiga e maltrata
No rosto dessa gente, a cicatriz que caleja e tanto retrata
É triste ver meu povo viver nessa terra, sem experiência.
Carregando no peito, a dor que atormenta e tira a paciência
É triste deixar minha terrinha, onde tanto fui feliz de verdade
E agora, a poeira no ar me fazendo fugir de tanta crueldade.
Na alma, um desespero e a sensação de abandono e solidão
Sabe lá, meu Deus! Quanta mágoa assola este pobre coração.
Nunca se viu tanta gente agonizando na desgraça e pobreza
Triste do homem que vive provocando as obras da natureza
Caminhando por essas estradas e conhecendo o mundo afora
É nítido o cansaço do dia, que se interrompe antes da aurora
As crianças no colo choram pela falta do pão de cada dia
Valei-me de todo mal causado pelo homem com sua tirania
Nas mãos vazias, o seco entalo do único pedaço de bolacha
Que desce na goela amenizando a dor da seca, que ainda racha
Essa seca sem fim, que castiga meu povo e em tudo assola
Do retirante que se envereda pela ilusão, que em nada consola
No pisar incerto da peleja, a dor arde a pele e fere o peito
E lá na lida da cidade grande tem que lidar com o preconceito
Agora vejo o nosso destino se cruzar com o da grande cidade
Quem sabe, lá eu poderei ter um pouco mais de felicidade
E quem sabe meu Deus! Um dia poder voltar pro meu sertão
E lá, cantarei sobre as águas ao som do meu lindo baião.

¹ Escritor, contista, romancista, compositor, novelista e poeta. Imortal da Academia de Letras de Teresina (ALT), cadeira n. 2 – Patrono: Clarice Lispector. E-mail: maudonado25@hotmail.com